

NARRADOR OU CONSUMIDOR DE IMAGENS? O *FLANÊUR* DE NÉSTOR GARCÍA CANCLINI

ALESSANDRO DAROS VIEIRA
MESTRANDO EM ESTUDOS LITERÁRIOS NO PPGL/UFES

Resumo

Este estudo consiste numa leitura atenta e congruente entre alguns escritos de Néstor G. Canclini, e do conto *O Aleph* de Jorge Luís Borges, num enfoque *teórico-literário*. Objetivamos compreender a especificidade de noções como *desterritorialização e multiculturalismo*, dentre outras, em busca de uma forma de *narrativa* capaz de aceder à fragmentação da urbe latino-americana que julgamos seja a *crônica*.

Palavras-chave: América Latina – desterritorialização – multiculturalismo – *flanêur* – *crônica*.

1. **Introdução** - Dos escritos de Néstor García Canclini, destacamos dois com os quais pretendemos realizar um pequeno estudo, mais aprofundado, das *culturas híbridas*, presentes, segundo o autor, na atual América Latina. Os textos, cotejados com seus originais, são: *Consumidores e Cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. (UFRJ, 1995) e *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade* (Edusp, 1998).

Explicitado o objeto de estudo, procuraremos no conto *O Aleph* (Globo, 1997) de Jorge Luís Borges, marcar a presença de tal *hibridez* nos fatos culturais oriundos da cidade, entre a modernidade e a pós-modernidade, numa pluralidade de lugares, de possibilidades. Assim procedendo, estaremos realizando um diálogo entre a *ficção* borgeana e a *crítica cultural e literária* de Canclini, um recorte teórico-literário.

2. **Um passo atrás** – É verdade que Hegel já apontara, em seus escritos sobre a Filosofia da história, a América como o *lugar*, como a “*terra do futuro*”, no que tange o pensamento humano:

“A América é, por conseguinte, a terra do porvir, na qual, a época que se estende diante de nós, talvez na luta entre norte e América do Sul, deve revelar sua importância histórico-mundial; ela é a terra da melancolia para todos os entediados com o depósito histórico da velha Europa. Napoleão deve ter dito: *Cette vieille Europe m'ennuie*. A América tem de afastar-se do solo sobre o qual, até hoje, a história universal se deu.”¹

Neste lugar do futuro, o lugar da hodierna pós-modernidade, uma cultura diversa da europeia se organizava e ascendia a olhos vistos, talvez daí apontar na América a finalidade dos movimentos histórico-dialéticos que se auto-engendrariam desde os gregos até “si mesmo”, Hegel. O filósofo proclamava, então, seu tempo como moderno e o passado como antiguidade clássica, germe de seu tempo, mas quanto ao futuro, mistério: a América. Quando muito, percebe-se em suas palavras um quê de desbravamento que se aplicaria a uma terra sem rumo, “ainda no porvir”.

Evidente que em se tratando de um pensador de origem germânica, deveríamos esperar do autor aquilo mesmo que escreveu, “América”, norte e sul, e não *América Latina*. Sua indicação de *futuro* para este *lugar* se constrói a partir do que lhe é mais próximo, sua origem europeia, sua precedência étnica e cultural², a raiz de onde origina, língua e costumes.

Sobre esta outra América, a Latina e sua “origem”, ou melhor, a gênese de seu modo de pensar e da desordem com que se apresenta seu modo de agir, desse lugar de simples usurpação desde seu “descobrimento”, dessa cultura pueril (quando em analogia com a Europa), só viriam teorizar outros pensadores. Pensadores mais tardios em relação à época da construção do adágio hegeliano. O que insinua é a particularidade, difícil de apreender ao europeu, da América e da riqueza de suas diversas culturas forjadas no caldo grosso de uma multiplicidade infinita de fatores: geografia, biodiversidade, etnias, proveniências, etc.

Se o mundo europeu, na sua exacerbada cultura do mesmo, da abstração metafísica da lavoura teórica de representações acerca do real, é, até mesmo para seus pensadores, um lugar de degenerescência, ao pensador latino-americano não parecerá diferente. Isso, óbvio, em termos, já que é na mesma Europa que, séculos a fio, nossos pensadores mais ilustres irão buscar doutrinação. Afinal, como disse Hegel, essa “velha Europa”, apesar de decrépita, é, ainda, um volumoso “depósito histórico”.

3. Entre tardios: Borges e Canclini – Nestor García Canclini é um desses estudiosos tardios a que aludimos anteriormente, se pensado, em sua produção crítica e teórica, numa relação analógica com o pensamento hegeliano de fins do séc. XVIII e primeira metade do séc. XIX. Escrevendo suas críticas da cultura e suas teorias literárias no séc. XX, Canclini, atualíssimo, recorre ao olhar do *flanêur* como possibilidade de narração da urbe, da vida na urbe. Entre *consumidores e cidadãos* do nosso tempo procura pensar a possibilidade identitária da América Latina, na Cidade do México.

Embora cite algumas vezes fatos, que analisa grandiosamente, sobre o Brasil e especificamente sobre alguma de nossas cidades, é a América Latina de origem espanhola que movimenta seu pensamento. O que, de todo, não nos deixa de fora de suas interpretações que tendem a pensar uma *latinidade globalizada* e influenciada por elementos de culturas e etnias diversas, por suas línguas e costumes que, segundo o autor são as formadoras do comportamento bem atual de desordem sócio-cultural. Um *entre-lugar* espaço-temporal, em meio à modernidade e à pós-modernidade, um habitat transcendente.

O *Aleph* de Borges traz uma figura bastante interessante a esse respeito, uma imagem da qual lança mão Canclini para estabelecer sua posição quanto à dificuldade de se narrar a vida cidadina. Conto fantástico, confuso mesmo em sua linguagem como em sua forma, o *Aleph* tem, ao mesmo tempo uma forma autobiográfica, a personagem principal não é outra que não o próprio Borges que, desenvolve o enredo também como seu narrador. Lembra-se de um passado não muito distante em que ainda vivia uma sua musa da qual se enamorara em paixão e, estando assim apaixonado, freqüentava-lhe a casa, uma casa-mansão, clássica, segundo as pistas que o texto nos dá. Situada à rua Garay, tinha segundo a narrativa um porão e neste guardava, a casa, um *Aleph*, cultivado em segredo pelo interlocutor, no conto, de Borges: Carlos Argentino Daneri.

No conto, Borges já nos explica, na fala de seu interlocutor, Daneri, o que seria tal elemento: “Sim, o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo, vistos de todos os ângulos.”³ De certo esta explicação no conto do que é esse tal *Aleph*, não diz muito, não explicita sua natureza, força e realidade ficcional. Elemento mítico, em outra passagem é dito: “O microcosmo de alquimistas e cabalistas, nosso concreto amigo proverbial, o *multum in parvo!*”⁴

Estes extratos do texto de Borges, apresentados até o momento, não dizem o que é o *Aleph*, tampouco se nos dispõe sobre sua natureza, não nos sensibiliza para o achado de Daneri, assim como não teria se sensibilizado Borges, que assinala ter compreendido o propósito de seu interlocutor, que não poderia estar em sua sã consciência de si e do mundo circundante, e, por isso, com certo desespero após ceder às exigências desse seu amigo que quer lhe mostrar seu achado no porão da casa da rua Garay, relata:

“Cumprí suas ridículas exigências; por fim, saí. Fechou cautelosamente o alçapão; embora houvesse uma fresta que depois distingui, a escuridão pareceu-me total. Subitamente, compreendi meu perigo: deixara-me soterrar por um louco, depois de tomar veneno. As bravatas de Carlos evidenciavam seu íntimo terror de que eu não visse o prodígio; Carlos, para defender seu delírio. Para não saber que estava louco, *tinha de matar-me*. Senti um vago mal-estar, que tratei de atribuir à rigidez e não ao efeito de um narcótico. Fechei os olhos, abri-os. Então vi o *Aleph*.”⁵

Curiosos me parecem dois termos dos quais Borges faz uso em sua narrativa, o primeiro, “loucura”, que associa ao estado mental – segundo o autor, um “delírio”

– e à euforia causada pela descoberta e iminência da perda do Aleph que se processa em Daneri. O segundo termo, “narcótico”, expressa a lembrança de um aperitivo que tomara em companhia de seu suposto algoz. O que chama a atenção nestes termos está para além do textual, está em seus significados, que talvez possamos associar aos estudos de Canclini em questão.

A loucura como confusão mental expressa a possibilidade de outro, ou outros caminhos pelos quais se pode percorrer o espaço-tempo que se apresenta no cotidiano da vida. É esse também, de certa forma o significado de delírio que, originário do latim, diz “sair do rego, do sulco que faz, na terra o arado, desviar-se do caminho”. Quanto ao termo narcótico, me parece plausível diante da confusão que causam esses múltiplos e possíveis caminhos, que são outros que não os autorizados pela indústria cultural de massa, a indicação de seu uso, talvez não para a morte, mas para a promoção de um aceite, dado que seu uso cause no utente um efeito de modorra, de inconsciência, de entorpecimento, do edifício conjuntural da cultura, no conto representado pelo próprio Aleph e sua tautocronia espaço-temporal.

Se retomarmos, desse ponto, a discussão anterior sobre a formação cultural, na modernidade, dessa “nuestra” tão presente América Latina, seremos forçados a relembrar o tom das discussões, sobre a modernidade e a pós-modernidade, em Canclini. Nelas surge, forte, a imagem de confusão, de desordem, de desorientação, dada a pluralidade de fatores que influem diretamente na construção dessa cultura, cujo caráter é globalizante, e que hoje a trespassa, formando assim uma malha de possíveis percursos, o que lhe dá uma silhueta híbrida. Essa hibridez cultural se funda, também para Canclini num “lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo”, uma espécie de *encruzilhada cultural*, a *fronteira*, para onde afluem as tendências de todo o mundo, do globo, numa *desterritorialização*, conformando sempre um terceiro, espécie de *Calibán* latino-americano.⁶

Uma imagem bastante interessante dessa “encruzilhada” metafórica é, segundo Canclini, a *fronteira* entre os EUA e o México, em Tihuana. Lugar de *desterritorialização*⁷, ali confluem tendências culturais diversas, que se deixam apanhar facilmente junto aos anúncios publicitários, nas indicações cartográficas da cidade, nos grafites dos muros, e mesmo na própria linguagem corrente, na música, enfim, na fala.

“O caráter multicultural da cidade se expressa no uso do espanhol, do inglês, e também das línguas indígenas faladas nos bairros e nas montadoras ou entre aqueles que vendem artesanato no centro. Essa pluralidade se reduz quando passamos das interações privadas às linguagens públicas, as do rádio, da televisão e da publicidade urbana, em que o inglês e o espanhol predominam e coexistem ‘naturalmente’.”⁸

Dada a múltipla proveniência espacial e lingüística que, à maneira de desterritorialização, ultrapassa os valores de *nacional* e *nacionalidade*, embora não

os percam de todo, os indivíduos que estão implicados na construção desta *cultura híbrida* – que é a cultura da moderna América Latina – nos vemos diante de um real paradoxo: o de narrar a cidade em sua totalidade.

Como vimos, a cidade se encontra, em meio à hibridez da cultura Latino-americana moderna e atual, tal qual a mudança de quadros num *videoclipe*, a instantaneidade dos cortes cinematográficos, a regularidade superficial e informativa do texto jornalístico acompanhado da montagem televisiva dos telejornais, documentários e mesmo nos dramalhões novelísticos. Todo o movimento cultural, por mais confuso e fragmentário que seja, conforma nossa realidade cotidiana. Por força do jogo da história, também nos constituem as tradições dos povos que habitam a cidade, provindos de outro sítio, tradições que resistem, ainda, a toda confusão modernizante. Mas aqui se instaura um problema: Como abarcar numa narrativa, a moderna cidade, nessas suas múltiplas instâncias? Como “contar” a cidade, esta ficção tão presente, para nós, tão real? Observe-se, no ato de “contar”, toda a força da tradição narrativa que ambivalente subsiste, apesar de ter sofrido ao longo da história o peso dos jogos de força a que se submete, como tudo que existe, também a urbe.

Em busca de resposta a tais questões, aqui igualmente se insinua com alguma virtude a figura do Aleph, pois que, além de ser um lugar para o qual confluem as imagens de todos os outros, também tem seu caráter de linguagem. Da natureza do Aleph, descreve o próprio Borges em seu pós-escrito datado de 1943: “(...) para a *Mengenlehre*, é o símbolo dos números transfinitos, nos quais o todo não é maior que qualquer das partes.”⁹

Curioso “símbolo” este, cujo caráter é o de *ser* ao modo dos “números transfinitos, em que o todo não é maior que as partes”. Daí parece provir, a afirmação de Canclini, num pequeno ensaio que se encontra publicado no seu *Consumidores e Cidadãos* (1995), cujo título é *Narrar o Multiculturalismo*, de que a Cidade do México, uma das grandes metrópoles latino-americanas, é um centro de convergência de múltiplas culturas. Isto quer, por vezes, significar que, mesmo sendo oriundos de uma mesma etnia, estão os processos culturais, se delineando segundo o efêmero e o variável, não obstante o impacto do capitalismo sobre as culturas tradicionais.¹⁰ Como dirá o próprio Canclini:

“No México convivem quase todos os lugares da América Latina e muitos do mundo. Diante do Aleph de Borges ou de um videoclipe, nos perguntamos como realizar a enumeração, mesmo que parcial, desse conjunto infinito. Viver nesse ‘instante gigantesco’ que é cada instante em uma cidade assim, assombra menos pelos ‘milhões de atos aprazíveis ou atrozés’ que acontecem do que pelo ‘fato de que todos ocuparam o mesmo ponto, sem superposição e sem transparência’.”¹¹

4. Um instante gigantesco: a urbe-videoclipe – Em seu ensaio crítico, Canclini antepõe a *crônica*, como modo possível de “abarcar os sentidos dispersos de uma

metrópole”, à impossibilidade da urbe (faço lembrar o leitor que o objeto de Canclini é a capital do México) em deixar-se “abarcado por uma descrição”, tal qual a narrativa borgeana do Aleph. No entanto aqui, recorro a uma ordem inversa, primeiro a impossibilidade, dado a fragmentação e fugacidade cotidianas, depois, uma certa luz no fim do túnel, a legitimação, em parte, da crônica como modo de narrar o fragmentário experimentado pelo *flanêur*, na cidade.

Ao inserir o Aleph de Borges em suas discussões sobre multiculturalismo, Canclini parece procurar, de certa forma, um aval para uma sua constatação: a impossibilidade de narrar a cidade do México em sua complexa multiplicidade cultural, sua fragmentação e efemeridade. Segundo Canclini, os ordenamentos cartográficos, por exemplo, os mapas, abonavam, em épocas anteriores não só o ordenamento espacial, mas, também, nosso comportamento, travessias que ganhavam daí um “sentido global”. Esta arrumação espacial, e, não obstante, a aceção de conduta advinda dela, afirma o autor, “estão desvanecendo”.

“Por isso me parece exemplar a narrativa de Borges ao falar do Aleph. Assim como ali, a atual Cidade do México não se deixa abarcar por uma descrição. Se alguém a observa de dentro, a partir das práticas cotidianas, vê apenas fragmentos, imediações, lugares fixados por uma percepção míope do todo; de longe, parece uma massa confusa, em que é difícil aplicar os modelos fabricados pelas teorias da ordem urbana. Não há foco organizador porque a Cidade do México, tal como escrevia o autor de *Ficciones*, ‘está em todas as partes e não está em nenhuma’.”¹²

Canclini já elaborara anteriormente o sentido de sua referência à exemplaridade da narrativa de Borges, por ter dito:

“As grandes cidades, dilaceradas pelo crescimento errático e por um multiculturalismo conflitante, são o cenário em que melhor se manifesta o declínio das metanarrativas históricas, das utopias que imaginaram um desenvolvimento humano ascendente e coeso através do tempo. Mesmo nas cidades carregadas de signos do passado, como a capital mexicana, o encolhimento do presente e a perplexidade diante do devir incontrolável reduzem as experiências temporais e privilegiam as conexões simultâneas de espaço.”¹³

Segundo Canclini, a experiência da *flâneurie*, após o que se tornava possível ao *flanêur*, em fins do séc. XIX e início do séc. XX, estabelecer uma ordem, e certo ritmo, segundo os quais contava, narrava a cidade, “não é [mais] possível”. Num passeio, que embora fosse, por vezes, sem compromisso, e que nem por isso se fazia com menor atenção, o nosso *andante* era, como dirá Proust no seu Caminho de Swann, convidado pelo caminho percorrido em *passeio*, a desvendar-lhe o que escondia para além do que era possível ao próprio Proust ver, algo a ser apanhado, mas que, nem sempre, chegava a descobrir.¹⁴ Entretanto, a cidade, objeto deste que é o narrador da urbanidade, mudou. Uma fugacidade aterradora tomou a velha urbe do século passado e a transformou segundo “uma montagem efervescente de imagens descontínuas”, aproximando-a do fragmentário videoclipe.

Não se tem mais uma relação com o tempo, como na primeira metade do século passado, em que práticas que demandam puro ócio, como a leitura, por exemplo, se davam em locais públicos, com muita naturalidade, fosse num ônibus ou num banco de praça, lugar de encontros e conversas que circulavam em torno dos fatos que, por mais pueris que fossem, de algum modo, sustentavam os laços comunitários, a proximidade entre indivíduos que, numa simples conversa ao ar livre, tinham o que narrar sobre o seu espaço geográfico e a vida que se vivia, temporal, nele. Ali o tempo, em seu significado mais original e por isso anterior à sua roupagem moderna de “trabalho produtivo”, se fazia presente e costurava os significados da vivência comunitária. Diametralmente opostos, a pressa, as ações fragmentárias quase esquizofrênicas, encerram hoje o sentido da modernidade, o que incorre num impedimento à ordem da narração.

O *flanêur* perde sua força narrativa na efemeridade do cotidiano na urbe. Sem um ordenamento, a cidade vai se constituindo, tal qual uma colcha de retalhos, onde as tiras são de quaisquer cores, talhes e densidão. Recortes apanhados a esmo, oriundos de toda parte e cosidos ao bel prazer, ritmo e visão de quem os une. Numa figura, um verdadeiro mosaico de imagens e signos que hora se locupletam e hora se chocam, entre si, em concorrência. Ao “leitor” dessa cidade e de sua latinidade cabe reverenciar as “visões efêmeras” e o ritmo com que se sobrepõem, e trespassam, imagens oriundas das mais diversas raízes, o que nos recomenda seguir na direção de uma breve discussão acerca do conceito de *identidade* utilizado por Canclini, em seus escritos, como pano de fundo dessas formulações.

Retirada “da atual concepção das ciências sociais”, a concepção de *identidade* aqui não se porta como “essência intemporal”. Outrossim, é como uma “construção imaginária que se narra”, que Canclini a absorve e a inclui em suas discussões. Nesse sentido, os caracteres nacional e nacionalidade, já aludidos, têm construída sua *naturalidade* entre os diversos povos que se compreendem desde a narração dessa sua identidade. Entretanto, dirá que em contraposição a essa noção de identidade, a *globalização*:

“(…) diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades a-históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade se formam, agora mais do que nas artes, na literatura e no folclore – que durante séculos produziram os signos de distinção das nações –, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana.”¹⁵

5. Crônica citadina, a urbe contada – Retomamos então, após a exposição anterior, o “fio da meada” do que quero, aqui, expor como hipótese de leitura e narração da urbe moderna, a partir dos escritos de Canclini. Reitero o já exposto e, repetindo,

afirmo a *crônica* como maneira possível de “abarcar os sentidos dispersos de uma metrópole”, opondo-se à impossibilidade da cidade em deixar-se “abarcar por uma descrição”, dada a efemeridade dos movimentos nela inscritos. Numa ordem inversa, à apresentada por Canclini no seu *Cidadãos e Consumidores* (1985), proponho, à guisa de uma conclusão deste pequeno estudo, a legitimação, em parte, da crônica como modo de narrar a desordem experimentada pelo *flâneur*, na cidade.

Partirei de uma constatação: o *flâneur* foi, no entre séculos XIX e XX, o narrador da urbe, a isso não se encontrará oposição, nem mesmo ao fato de ser essa personagem eminentemente engendrada no espaço europeu, entre cidades que surgem junto de um movimento social modernizante. Outra constatação de que, forçosamente partirei, será a de que, deste período em diante, as crônicas jornalísticas configuram “o sentido da vida urbana” arrolando o “orgulho monumental” dos símbolos do progresso “comercial moderno”.¹⁶

Junto de tais signos de progresso, estão presentes, como seu reflexo, também, a multiplicidade desordenada que ganha vigor nas cidades latino americanas, em suas formatações urbanísticas, seus bairros, ruas, enfim, espaços que são ocupados sem plano e que, não obstante a falta de planejamento, crescem numa velocidade aterradora. Junto desse crescimento espacial, toda uma constelação comportamental se instaura, tendo por base uma angustiante incerteza de narrar a multiplicidade de caminhos que se abrem ao habitante citadino, mas que, no entanto, poderão culminar numa falência, não levar a lugar algum.

Esse *flâneur*, personagem européia, aplicado à urbe latino-americana, reinventada segundo uma conjunção de movimentos próprios ao espaço da América, circulava então por cidades onde o “sentido de viver juntos” se fundamentava segundo uma gênese histórica comum, partilhada pelos conviveres que se inseriam num determinado espaço compreensível a todos seus habitantes.

Uma cidade, espaço e relações assim constituídos, não pode mais ser contada, delineada, nem esclarecida como na primeira metade do século passado, quando se identificava, por exemplo, a capital mexicana por um patrimônio, “representação realista de um território e de uma história”, fruto do embate das forças históricas que tendem, a cada vez, tornar-se preeminentes e assim, protagonizar as “operações de seleção, combinação e encenação, que mudam segundo os objetivos das forças que disputam a hegemonia e a renovação de seus pactos”.¹⁷

Todo um movimento histórico, portanto, culmina, ao meu ver, na “crônica” como maneira de organizar e relatar os movimentos da cidade. Esta se estrutura desde a necessidade de arrolar o “orgulho monumental dos signos de desenvolvimento comercial moderno”, presentes no final do século XIX e início do século XX. O passeio, a *flaneurie* é, segundo Canclini, “uma operação de consumo simbólico que integra os fragmentos em que já se despedaça essa metrópole moderna”.

Para Canclini, a crônica jornalística, “(...) publicada em periódicos é o meio de comunicação próprio desta modernidade incipiente, onde se entrelaçam os sentidos parciais das experiências urbanas.”

6. Da impossibilidade à atualidade. A crônica hodierna – Canclini diz: “Esta tarefa se prolonga até os nossos dias.”¹⁸

Ora, é justamente esta a constatação a que chegamos, observando o sentido que procuro dar à *crônica* como modo de narrar a urbanidade latino-americana na atualidade. A tarefa de significação do cotidiano pressupõe organização. Pela via da “crônica periodística”, procuramos ainda nos dias atuais arranjar as fragmentações típicas da vida na cidade.

Mas, o que, senão o consumo, se conformará hoje, na principal característica da vida na urbe. Os processos e acontecimentos políticos, a questão da indústria cultural, dos processos de “*descontextualização e refuncionalização* por que passa, por exemplo, o artesanato”, são os índices, para se compreender como o capitalismo e seus modos de produção de subjetividade, atuam na formação de uma naturalização dos discursos do consumo que recebem, neste processo, uma roupagem de “cultural”, quando, na verdade não passam de uma opção de consumo para aqueles que se cansaram das produções em série. O curioso é a maneira como este processo de descontextualização e refuncionalização se estruturam, qual uma linha de produção, nesse caso, simbólica, “em diferentes espaços sociais: a habitação indígena, os mercados e feiras camponesas, as lojas e *boutiques*, o museu e a habitação urbana”.¹⁹

Exemplos à parte, não poderei me furtar a constatação atualíssima dessa discussão com o auxílio da TV Cultura de São Paulo que veiculou no mês de junho de 2003, um documentário que, pretendendo ser um formador de opinião sobre a manutenção das culturas indígenas e da preservação das, ainda existentes, áreas de floresta nativa no norte do Brasil, narrava à guisa de crônica jornalística, as transações entre um povo indígena, chamado *Baniwa*, e uma grande loja de *souvenires*, residente em São Paulo, a TOK & STOK. Toda a produção artesanal de cestos Urutu da “tribo” habita agora suas prateleiras. Ornamentam casas na urbe e, descontextualizadas de seu significado original, têm nesse seu novo domicílio, nova função, seja de abrigar algo como livros e revistas, ou uma roupa qualquer a ser lavada, por uma empregada doméstica que, por força do capital, provém dos interiores do país, quem sabe até mesmo da própria “tribo”, residindo agora, a cidade em sua atualidade e grandeza.²⁰

Assim, se pergunta Canclini: “É possível abarcar conjuntamente os múltiplos relatos que organizam a cidade da industrialização econômica e comunicacional?”

Dada a multiplicidade de relatos “internos e externos” que, desconexos, trespassam a cidade, a multiplicidade de línguas que a compõem como espaço de

habitação e comercialização, e, levando em consideração que “as narrativas da megacidade se fazem também nos telefones e faxes, na comunicação televisiva e financeira que vincula a outros países”, Canclini responde que não.

Contudo, mesmo que não caiba mais uma narração da cidade organizada desde um “centro” “histórico” e “moderno”, ou a construção de um único mapa desta “cidade compacta que deixou de existir”, afirma que “os únicos relatos totalizadores”, talvez, da capital mexicana, “(...) que tenham logrado uma certa verossimilhança nos últimos anos, sejam aqueles realizados por cronistas como Carlos Monsiváis e Elena Poniatowska, quando descrevem a participação solidária que se seguiu ao terremoto de 1985, ou abordam dramas políticos ou ecológicos: ante a vertigem do caos, busca-se restaurar uma certa unificação nacional”.²¹

O mesmo ocorreria, segundo o autor, com a televisão e o rádio enquanto “narradores urbanos” que relatam a sociedade, por meio de crônicas, em seus “dramas políticos ou ecológicos”, pois segundo Canclini, estes meios: “(...) só puderam superar a simultaneidade e a dispersão do videoclipe, a obsolência diária dos episódios da informação, quando a dor e a desordem de acontecimentos excepcionais os incitou a ‘recuperar’ uma certa espessura histórica e o sentido de se viver, juntos, numa cidade ou nação”.²²

Notas

1 Hegel. G.W.F. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*. Pg.414: [Preleções sobre a Filosofia da história. Tradução Alessandro Daros Vieira]

2 Observe-se que aqui, não emito juízo de valor quanto às datas que situam historicamente as etnias em questão. Proveniências à parte, o conquistador europeu, descreverá ainda hoje qualquer compêndio de história colonial quinhentista, *é o iniciador da História americana*, não reconhecendo, portanto, a existência anterior ao ciclo de descobrimentos, aqui, naquela que ainda não era a América, de outras etnias e culturas. Acerca dessa relação diferencial entre culturas e do contraste, nelas presente, progressivo e primitivo, Canclini elabora com maior rigor conceitual em *As culturas populares no capitalismo* (Brasiliense,1983), relacionando-os dentro da lógica do espetáculo cultural promovido pelo capitalismo.

3 Borges, Jorge Luís. *O Aleph*. Trad. Flávio José Cardoso. São Paulo: Editora Globo, 1997, pg. 122.

4 Borges, op.cit., pg.124.

5 Ibid., pg. 124.

6 Imagem tomada de empréstimo da peça *A Tempestade* de Shakespeare e associada por Roberto Fernandez Retamar, no seu *Calibán – Apuntes sobre la cultura em nuestra América*, ao povo latino-americano e sua condição de subjugado. Esta imagem metafórica assumida como nossa condição implicaria, segundo Retamar, repensar nossa história em outras bases que não a do colonizador-protagonista, e sim, de *outro* protagonista.

7 Esse conceito, a *desterritorialização*, Canclini trabalha em seu *Culturas Híbridas* (Edusp, 1998).

8 Canclini, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998, pg.320.

9 Borges, op.cit., pg. 127.

10 Não sendo possível aprofundar tal assunto, indicamos a leitura de: *As culturas populares no capitalismo* de autoria, também, de Néstor García Canclini, cujas referências cito na bibliografia.

11 Canclini, Néstor García. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995, pg.129.

12 Canclini, op.cit., pp.130-131.

- 13 Idem, pg.130.
- 14 Proust, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- 15 Ibid., pg. 124.
- 16 Ibid., pg. 124-125.
- 17 Ibid., pg. 125-126.
- 18 Ibid., pg. 127.
- 19 Canclini, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1983, pg. 15.
- 20 "A Tok&Stok comercializa a linha de cestaria Urutu, feita pelos índios Baniwa, que vivem na região do Rio Negro, Amazônia. Partindo da cidade de São Gabriel da Cachoeira, são necessários seis dias de viagem de canoa para chegar à aldeia. A negociação com os índios é feita por meio de entidades ambientalistas e, curiosamente, o valor da carga é referente ao número de canoas carregadas, São produtos cuja manufatura guarda uma tradição de mais de 2 mil anos e que estão ao seu alcance em todas as lojas Tok&Stok." Este texto foi retirado do site institucional da empresa em questão, veiculado na internet sob endereço: http://www.tokstok.com.br/cgi-bin/WebObjects/TSVitrine.woa/wa/Institucional_DA/EmpresaFS.
- 21 Canclini, op.cit., pg. 133-134.
- 22 Idem, pg. 133-134.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad. Flávio José Cardoso. São Paulo: Editora Globo, 1997.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- . *Consumidores e Cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Trad. Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.
- . *As culturas populares no capitalismo*. Trad. Cláudio Novaes Pinto Coelho. Ed. Brasiliense: São Paulo, 1983.
- HEGEL. G.W.F. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*. [Preleções sobre a Filosofia da história. Tradução Alessandro Daros Vieira].
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Editora Globo, 2000.
- RETAMAR, Roberto Fernandez. *Calibán – Apuntes sobre la cultura em nuestra América*. Editorial Diógenes: México, 1971.
- TOK&STOK. Homepage institucional. Apresenta os produtos comercializados pela empresa e sua origem, vínculo a projetos de cunho social, parceiros no território brasileiro. Disponível em: [http://www.tokstok.com.br/cgi-bin/WebObjects/TS_Vitrine.woa/wa/Institucional_DA/EmpresaFS]. Acesso em: 5 set. 2003.

